



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 25 DE MARÇO DE 1998

Senhores Embaixadores; Senhor Ministro Paulo Renato; Senhor Ministro Paulo Paiva; Senador Fernando Bezerra; Senhor Líder Êlcio Álvares; Senhores Deputados; Senhores Empresários; Presidentes de federações de vários Estados; Senhoras e Senhores,

Freqüentemente fico pensando nas desvantagens de ser Presidente, que é o último a falar, sobretudo quando se tem pessoas que sabem mais da matéria específica do que o Presidente, são loquazes e deram um panorama muito abrangente da situação do Brasil. Quase que só posso me limitar aos agradecimentos.

Acho que a decisão tomada pela CNI e pelo Sesi é muito importante: essa de dobrar o esforço na área educacional. É muito importante, porque nós estamos criando sinergia. Na verdade, começa a acontecer, no Brasil, aquilo que se chama círculo virtuoso. Normalmente, quando se está numa situação difícil, fica-se girando ao redor do círculo e não se sai do círculo. O círculo virtuoso é o que dá aberturas a novos desdobramentos, e assim vai, crescentemente.

Nós estamos assistindo, aqui no Brasil, a um processo pelo qual segmentos da sociedade que estavam antes isolados começam a se articular. A articulação fundamental há de passar sempre pelo setor público, mas não pode se esgotar no setor público. Se alguma lição nós temos do desenvolvimento da sociedade contemporânea, é a lição de que o setor público é indispensável, mas ele não pode ser aquele que substitui a sociedade, porque, quando ele se pretende substituto da sociedade, ele a afoga e não resulta o progresso necessário.

Nós estamos vendo formas novas de articulação no mundo todo, e, se há alguma coisa que marca a sociedade contemporânea, é precisamente o fato de que nós estamos assistindo à criação do terceiro setor de organizações voluntárias, de formas articuladas e organizadas, que são o espaço público, não estatal e, ao mesmo tempo, como eu disse tantas vezes, a porosidade dos aparelhos governamentais para permitir que haja um entrosamento e uma vivificação crescente das ações que se desenvolvem em cada um dos setores da sociedade.

E aqui foi dito – e é verdade – que o desafio fundamental para nós enfrentarmos o novo milênio é o da educação, porque educação quer dizer igualdade. Eu tenho repetido uma frase que tomei de Joaquim Nabuco. Joaquim Nabuco dizia, na época dele, que a nódoa do Brasil era a escravidão. Pois bem, a nossa nódoa, hoje, é a miséria. E essa nódoa só poderá ser removida se houver um esforço concentrado de todos nós para darmos acesso ao mercado de trabalho e, portanto, se formos capazes de dar educação.

A educação é a chave para a redistribuição de renda, é a chave básica da formação de uma sociedade democrática. Toda a gente sabe disto: que a educação é cidadania. O que não se sabia, nem no Brasil e no mundo também, é que nós iríamos entrar no próximo século ainda com tantos excluídos, por causa das mudanças tecnológicas e por uma série de outras razões. Então, não se sabia que haveria que se fazer um esforço enorme para incorporar os excluídos. E o fator básico dessa incorporação é a educação.

Não por acaso, aqui foram citados pelo Dr. Fernando Bezerra a Igreja Católica, o Governo Federal e, agora, a CNI. Muitas outras organiza-

ções e movimentos estão convergindo no sentido da educação. E a educação de base, primária, é fundamental. O dado que mais impressiona, dos que o Presidente da CNI mencionou aqui, é o relativo à desigualdade quanto ao número de anos de escolarização dos brasileiros, comparados com outros trabalhadores. Não são trabalhadores, não: é a sociedade em geral. Esse dado é dramático, porque nós estamos, ainda, lutando por toda criança na escola, mas já tendo que lutar por mais tempo para cada criança na escola, e cada adulto na escola também.

No mundo moderno, no mundo mais avançado, não existe mais a separação entre quem está na escola e quem está fora dela, porque é um vaivém permanente, há um permanente esforço para reciclar, para re-treinar, não é verdade? Ninguém completa uma formação escolar, nem mesmo a formação acadêmica; há de ser, sempre, um processo de aprendizado permanente. Portanto, nós temos que enfrentar, no Brasil, vários desafios simultâneos: de dar escola para todos, manter mais gente na escola por mais tempo e ampliar a possibilidade da volta à escola àqueles que saíram dela. O tamanho do desafio é enorme, mas ele é comparável com o tamanho da população brasileira, com a nossa capacidade de enfrentar desafios, e nós vamos enfrentar esses desafios, estamos enfrentando-os com firmeza, no que diz respeito à educação profissional, sobretudo.

Ainda recentemente, ontem ou anteontem, participei de uma solenidade sobre essa matéria. Nós estamos, também, provocando umas modificações importantes na formação técnica. Tenho muito respeito pelo que o Senai faz. (*Palmas.*) As palmas são para o Senai e eu aplaudo também.

O primeiro trabalho de investigação sociológica que fiz na minha vida, de que me recorde, primeiro, não, mas um dos primeiros, foi sob a direção de um sociólogo chamado Guerreiro Ramos, que já faleceu; e esse trabalho foi para o Senai.

Naquela ocasião, visitei muitas casas de trabalhadores na minha cidade de São Paulo, num tempo em que a Mooca ainda era habitada por trabalhadores, havia fábricas na Mooca, no Belenzinho. O Carlos Eduardo está balançando a cabeça afirmativamente. Hoje são bairros

de classe média e não têm mais indústrias. Mas, no tempo em que havia lama para chegar lá, porque não havia pavimentação, eu andava por aquelas ruas da região, então periférica, de São Paulo, para conversar com as famílias e com os operários; e com famílias que tinham pessoas que haviam passado pelo Senai. Já faz mais de 40 anos – não vou nem dizer quantos, é muito mais, mais de 50; não, mais de 50, não: eu exagerei; mas é quase. Desde então, eu pude avaliar o que significava esse trabalho.

Pois bem, hoje nós temos que multiplicar isso nas nossas escolas técnicas. Daí a reforma que o Ministro Paulo Renato está fazendo, o acordo que nós fizemos com o BID. Vamos dar 500 milhões de reais – de dólares, no caso – para um programa de escolas técnicas. Foi assinado, aqui, pelo Presidente do BID.

Enfim, nós estamos enfrentando esses problemas em vários níveis e mobilizando. Não há possibilidade de enfrentar a necessidade imperiosa de acabar com a nódoa da pobreza, com a exclusão, sem educação, e não há possibilidade de resolver o problema da educação sem um esforço coletivo. Não é tarefa só de governo: é tarefa cívica, é tarefa do País, é tarefa da sociedade.

Por essa razão, creio que é mais do que bem-vindo o pacto que foi trazido aqui pelo Senador Fernando Bezerra. O Ministro Paulo Paiva mencionou os esforços que o Governo tem feito para aumentar a qualificação dos trabalhadores – só que o Brasil é um oceano imenso; então, quase tudo parece gota d'água, ainda quando sejam bilhões –, mencionou mais de 4 bilhões gastos com treinamento. E assim vai. Em cada área de atividade que nós enfrentamos, nós percebemos que, sozinho, o Governo não conseguirá fazer. Mas é com alegria que eu digo, também, que sinto que o País está respondendo e que, portanto, o Governo não se sente sozinho nesse esforço, nem ninguém se deve sentir sozinho. Nós devemos nos sentir juntos, para avançarmos no rumo de uma sociedade igualitária, de uma sociedade verdadeiramente democrática, uma sociedade melhor.

Quero terminar dizendo que, ainda esses dias, ontem e anteontem, participei de um encontro aqui, em Brasília, com o Presidente do Uruguai, o

Presidente do Panamá e o Presidente do BID. Tivemos um texto do Diretor-Geral do Fundo Monetário Internacional. No encontro estavam várias outras personalidades, inclusive intelectuais de renome. O encontro foi sobre os desafios da entrada no novo milênio, no que diz respeito, principalmente, às questões de governabilidade e às questões sociais.

E hoje é claro – o Dr. Pastore participou desse encontro, estava lá, o Ministro Paulo Renato também – o seguinte: já se sabe o que tem que ser feito, já existe uma nova, eu diria, ideologia, ou seja, um conjunto de idéias que são valorativas, que têm valor; e de diretrizes, para dar orientação à reformulação das sociedades.

Já não se trata mais das reformas – que foram preconizadas e eram necessárias, e ainda são – apenas na área econômica. Já não se trata mais, sequer, apenas das reformas – que também são importantes, estão em marcha – na área social. Trata-se de uma mudança de espírito que entenda que não vai haver nada sem crescimento econômico. É preciso ter crescimento econômico.

O Brasil vai retomá-lo com energia, porque superamos a crise da Ásia. Não nos foi fácil superar a crise da Ásia. Os senhores poderão ler, nas revistas do mundo todo e nos organismos internacionais, que todos se referem ao fato de que o Brasil enfrentou com decisão, no momento oportuno, a crise da Ásia. Ela teve um custo. Nós estamos pagando esse custo, nós todos: o Governo, as empresas, os trabalhadores, a sociedade. Mas nós superamos a crise da Ásia. Agora, nós temos que retomar o caminho do crescimento econômico, porque ele é fundamental para que o resto possa acontecer. Mas não é suficiente.

Nós já crescemos muitas vezes, e a sociedade não se democratizou, não aumentou o bem-estar da população na mesma proporção do crescimento. Agora, tem que aumentar o bem-estar da população no mesmo ritmo em que nós conseguimos aumentar o crescimento da economia. E, para isso, nós precisamos de capacidade de mobilização. Precisamos tirar dos nossos olhos a poeira que nos impede de ver o futuro e para não ficarmos chorando sobre um passado que é passado, está morto. E quanta gente chora sobre um passado morto e quer levantar cadáver, como se cadáver resolvesse os problemas do Brasil.

Não. Nós temos que avançar. Nós temos que ver que o caminho novo já está aí. Ele existe. Já existe um conjunto de idéias. Tudo o que aqui se diz pode ser dito intercambiando as posições. Se houver líderes sindicais aqui com visão do mundo, dirão as mesmas coisas. Se houver pessoas com alguma informação e de boa-fé, como líderes políticos, dirão as mesmas coisas. Não se trata mais de saber o que se deve fazer: é como fazer. E fazer. E esse “como fazer” é político.

É necessário que haja uma compreensão política dos problemas e é necessário que a política seja entendida, no mundo de hoje e nos desafios do Brasil, de forma apropriada. Política não pode ser simplesmente conversa de corredor nem destruição de uns pelos outros, nem fofocas a respeito de cargos, nem busca de vantagens a qualquer custo, senão que política tem que ser entendida como uma devoção à causa pública, com apoio às causas que são corretas e com um dar as mãos de todos aqueles que são capazes de divisar um futuro melhor para o Brasil. Nós vamos ser capazes disso, tenho certeza.

Quero terminar reiterando o meu otimismo, reiterando, que ao assistir quase a cada dia a fatos novos no Brasil, sinto a disposição nova das pessoas, no Brasil, de darem-se as mãos umas às outras, para avançar em favor de acabar com a nódoa que existe entre nós. E termino assim: mais crescimento e mais igualdade. Nós vamos vencer.

Muito obrigado.